

## **Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema**

**PORTUGAL 1974 – UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU**

23 de Abril de 2025

### **Les trois Portugaises / 1974**

*Realização:* Delphine Seyrig *com a colaboração de* Carole Roussopoulos, Ioana Wieder *Textos / Leituras de* Novas Cartas Portuguesas, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa (edição original: Estúdios Cor, 1972: Primeira Carta I. 1/3/71. p. 3. “Faremos um Outubro, um Maio e 1 mês novo para cobrir o calendário”; Primeira Carta VI. 30/3/71. p. 66; Cantiga de Mariana Alcoforado à maneira de lamento, p. 56; Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa, p. 163; Extractos do Diário de Ana Maria, descendente directa da sobrinha de D. Maria Ana, e nascida em 1940.1/6/71 p. 205 “E o erotismo, senhores, e o erotismo?”; O Pai, p. 129; Extractos do Diário de Ana Maria, descendente directa da sobrinha de D. Maria Ana, e nascida em 1940, p. 198; Segunda Carta VIII, p. 220, etc. (indicação de páginas: edições D. Quixote, 2010).

*Produção:* Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (França, 1974) *Cópia:* Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, ficheiro digital, preto-e-branco, versão original em francês, inglês e português com legendas electrónicas em português, 29 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* 10 de Outubro de 2020, com *Inês e Les prostituées de Lyon parlent* (“Delphine Seyrig, Insubmusa”).

### **Entrevista às “3 Marias”, Noticiário Nacional / 1974**

*Produção:* RTP (Portugal, 1974) *Com:* Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa, Fialho Gouveia *Cópia:* RTP, ficheiro digital, preto-e-branco, 12 minutos *Transmissão:* 9 de Maio de 1974, na RTP *Primeira apresentação na Cinemateca.*

### **Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em Lisboa, Noticiário Nacional / 1975**

*Produção:* RTP (Portugal, 1974) *Com:* Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir *Cópia:* RTP, ficheiro digital, preto-e-branco, 3 minutos *Transmissão:* 6 de Abril de 1975, na RTP *Primeira apresentação na Cinemateca.*

### **Simone de Beauvoir Entrevista no Porto, série Encontro / 1975**

*Produção:* RTP (Portugal, 1974) *Com:* Simone de Beauvoir, Isabel Pires de Lima *Cópia:* RTP, ficheiro digital, preto-e-branco, 23 minutos *Transmissão:* 3 de Abril de 1975, na RTP *Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

**\_\_\_\_\_ a sessão decorre em homenagem a Maria Teresa Horta (1937-2025) e conta com Anabela Galhardo Couto e Teresa Joaquim para uma conversa no final da projecção (67 minutos).**

***Les trois Portugaises é apresentado num ficheiro digital proveniente do Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, em Paris, o único material presentemente disponível para apresentação: trata-se de um ficheiro que replica a perda de qualidade do material original e o desgaste a que foi sujeito e que resultou na sua deterioração, sobretudo nos minutos iniciais. Nenhum dos títulos apresentados tem genérico de princípio ou fim. À parte o primeiro título, são excertos, fragmentos noticiosos provenientes dos arquivos da RTP. O excerto de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em Portugal começa sem som. A entrevista a Simone de Beauvoir tem, embutidas em português, legendas de formato grande, como era hábito na época.***

***Agradeço a Anabela Galhardo Couto a identificação dos textos lidos em Les trois Portugaises. (MJM)***

---

É uma sessão especial, especialmente programada para lembrar neste Abril de 2025, na Cinemateca, Maria Teresa Horta, escritora e jornalista, que também se distinguiu como uma das vozes feministas mais audíveis, em português, antes e depois de 1974. O timbre é o da resposta que fecha a entrevista de Fialho Gouveia às “Três Marias” em Maio de 1974 à volta de *As Novas Cartas Portuguesas*, publicado em 1972 por Natália Correia na editora Estúdios Cor e prontamente proibido pela censura do Estado Novo: às tantas, sentado numa mesinha defronte do sofá ligeiramente mais alto em que se alinham Maria Teresa Horta, Maria Isabel

Barreno e Maria Velho da Costa, o repórter quer saber por que é “chato” o livro que deu brado e um processo por atentado aos bons costumes às três escritoras; Maria Teresa Horta é a última a responder, e remata assim – “Há uma coisa só que eu te queria dizer. Tu és o quarto homem que faz precisamente essa... que me diz isso. És o quarto homem que me diz que o livro é chato e que não o conseguiu ler até ao fim, ao passo que nenhuma mulher disse isso, muito antes pelo contrário. Percebes? Todas as mulheres o têm entendido, o têm lido até, digamos, avidamente.”

Em 2019, foi como cineclubista que Maria Teresa Horta (1937-2025) esteve de viva-voz na Cinemateca pela última das vezes, por altura do Congresso Internacional da iniciativa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, “Maria Teresa Horta e a Literatura Contemporânea: de *Espelho Inicial* (1960) a *Estranhezas* (2018)”. Abordando o cineclubismo em Portugal, a mesa-redonda foi um Encontro com a escritora, uma cineclubista activa a partir de finais dos anos 1950. Recentemente publicada e já reeditada uma série de vezes, a sua biografia por Patrícia Reis, *A Desobediente* (Contraponto, 2024) dará conta das tantas facetas da sua vida literária, activista, feminista. O caso célebre das *Novas Cartas Portuguesas* foi revisitado em espectáculos e em registos documentais nos últimos anos. *O Que Podem as Palavras*, de Luísa Sequeiro e Luísa Marinho (2022), é a abordagem mais recente, revisitando a história da acusação e perseguição às escritoras, por crimes contra a moral, no verso de uma expressiva luta pela causa feminista em Portugal. O processo foi, como se sabe, suspenso e as autoras absolvidas pós-25 de Abril de 1974. É iniludível que o livro assumiu um papel de relevo no combate pelos direitos e liberdades dos cidadãos, mulheres e homens, em Portugal.

Inspirado no clássico francês do século XVII *Lettres Portugaises*, a aventura literária das *Novas Cartas Portuguesas*, escrito em fragmentos pelas três escritoras no curso de 1971 e assinado em colectivo, levou-as a tocar em “tópicos proibidos”, relacionados com a repressão da ditadura, o poder do patriarcado, a condição da mulher em Portugal e a sexualidade, ou a realidade colonialista e da guerra que o Estado Novo travava nos territórios africanos vistos como colónias numa metrópole longínqua. O efeito sismográfico do livro foi de longo alcance, com um fortíssimo impacto internacional, juntando às vozes “internas”, entre as quais, Fernanda Botelho, Maria Lamas, David Mourão-Ferreira ou António Quadros, as de personalidades estrangeiras como Marguerite Duras, Simone de Beauvoir e Delphine Seyrig. Actriz fulgurante e realizadora empenhada (a quem a Cinemateca dedicou uma retrospectiva em 2020 e de quem voltou a mostrar recentemente *Sois belle et tais-toi!*, 1976), Delphine Seyrig estreou-se como realizadora no seio do colectivo feminino inspiradamente chamado Les Insoumuses (em variação da primeira designação Les Muses s’amusent) e que estaria na origem da criação do Centro Audiovisual Simone de Beauvoir em 1982. As *insubmusas* eram Seyrig, Carole Roussopoulos, a quem se juntaram Iona Wieder e Nadja Ringart.

*O vídeo contar-nos-á*, proclama-se em *Maso et Miso vont en bateau* (1976), um dos títulos desse coletivo formado no rasto do envolvimento activo de Seyrig no MFL – Mouvement de libération des femmes, que se torna público em 1971 com a assinatura do célebre Manifesto das 343 escrito por Simone de Beauvoir. A acção das Insubmusas pautar-se-ia pela batuta colectiva na defesa empenhada de causas feministas e políticas, reconhecendo no vídeo esse espaço de liberdade criativa e uma arma de combate por via do registo documental. O acto 1 foi *Les Trois Portugaises*, que justamente reflecte o eco do caso em França, “coligindo textos de denúncia da sociedade alienante e patriarcal portuguesa”: entre Março de 1973 e Setembro de 1974, as acções de solidariedade e divulgação em Paris, em particular a leitura-espetáculo “La nuit des femmes” e uma manifestação nocturna diante da catedral de Notre Dame em Janeiro de 1974, são dinamizadas por mulheres e encontram um rosto e uma voz especiais em Delphine Seyrig. Oito anos antes de *La Musica* (o primeiro filme em que é dirigida por Marguerite Duras) e um ano antes da estreia de *Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles*, o filme do seu encontro com Chantal Akerman, e de *India Song* de Duras.

A primeira parte de *Les trois portugaises* mostra, numa dinâmica filmagem e montagem, as leituras de textos, em francês e em inglês (a maior parte dos quais identificados acima), acompanhadas pela música de flauta ou batuques. Numa segunda “sequência”, de ritmo diferente, a leitura em *off* acompanha a apresentação de uma mulher chamada Maria, criada, que vemos pintar uma folha branca com o desenho de uma figura feminina enquanto ouvimos esse “Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa”. A terceira sequência volta ao primeiro “bloco”, uma leitura de Seyrig – “E o erotismo, senhores, e o erotismo?” –, interrompida pela vozeria da plateia e filmada com *zooms* e movimentos de câmara irrequietos. O quarto andamento volta a sossegar a banda visual, com nova leitura *off*, sobre imagens do desenho da “criada Maria” e imagens fotográficas de revistas de cinema e outras, enquanto o quinto regressa ao palco da “Nuit des femmes”. Num *raccord* entre a sala de espectáculos e um monitor de televisão junto a uma moviola, a última sequência dá voz à última voz feminina do filme, a de Isabel Barreno, em entrevista, em França, em francês, testemunhando a comoção sentida pela tradução do livro e a sua encenação, a escolha dos textos, talvez com a nota de que a dimensão política pudesse estar mais representada na selecção. Toda a entrevista a Barreno revela a lucidez radiográfica da situação em Portugal à beira da implosão ou da explosão. Qual seria a melhor motivação das mulheres portuguesas para que se organizassem como mulheres? “Antes de mais a questão das crianças, do aborto e da contracepção [...] um problema de que as mulheres portuguesas não podem falar e que têm de resolver sozinhas.”

A bem dizer, *Les Trois Portugaises* é o único “filme filme” da sessão. Os excertos noticiosos seguintes conduzem ao Portugal pós-25 de Abril de 1974, esse *outro país*, esse *país em estado de excepção* – termos de Sérgio Tréfaut – de que décadas depois Robert Kramer, um dos cineastas viajantes que chegaram, filmaram e participaram do processo revolucionário, falava como “um sítio que não existe, um tempo que de verdade existiu”. A “Entrevista às «3 Marias»” por Fialho Gouveia para transmissão no noticiário nacional é, além de exemplar da exemplaridade das três escritoras e da dinâmica do seu relacionamento, já então “beliscado” pela dissidência de Maria Velho da Costa, proverbial noutro sentido. Mostra como em 9 de Maio de 1974 a televisão, o jornalismo televisivo, tinha espaço e interesse para dez minutos de conversa com escritoras. Nunca é demais notá-lo.

Idem para os excertos noticiosos associados à vinda a Portugal de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em Abril de 1975. O primeiro do alinhamento divulga um encontro dos dois intelectuais franceses na Sociedade Portuguesa de Autores, ao lado de Sophia de Mello Breyner Andresen, com escritores e personalidades da cultura portuguesa “sobre a política e literatura ao serviço da Revolução de 25 de Abril de 1974”, tal e qual descreve a RTP. Na plateia da SPA vislumbram-se, entre outros, Urbano Tavares Rodrigues, Lídia Jorge, Mário Dionísio, Maria Lúcia Lepecki. Por último, o registo da entrevista, no Porto, de Simone de Beauvoir por Isabel Pires de Lima, transmitida no quadro da série “Encontro”. Foi realizada no contexto de um ciclo de colóquios promovido pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, num encontro à volta de questões de emancipação feminista. “Simone de Beauvoir está alguns dias entre nós, como sempre curiosa em ver as grandes mudanças políticas e sociais. [...] Entre nós, as obras mais conhecidas dela são talvez as *Memórias [de uma menina bem-comportada]*, *Os Mandarins* e sobretudo o ensaio *O Segundo Sexo, Le Deuxième sexe*, que publicou em 1949 e que inspirou muitos movimentos feministas do mundo.” Assim começa por apresentá-la Isabel Pires de Lima (não identificada no material da RTP), referindo o primeiro Ano Internacional da Mulher decretado pela ONU, a que Beauvoir reage como uma medida anti-feminista da ordem de uma outra que decretasse um ano do Cão ou um Ano do Cavalo. Noutro passo, destaca como é preciso alinhar a luta de classes e a luta feminista. Era a revolução.